

Esquema corporal, imagem visual e representação do próprio corpo: questões teórico-conceituais

Body schemes, visual images and representations of self body: theoretical and conceptual questions

Neli Klix Freitas

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Resumo

Esta revisão tem por objetivo apresentar questões de natureza teórica e conceitual sobre os seguintes temas: esquema corporal, imagem visual e representação do próprio corpo. Serão abordados os processos fisiológicos, psicológicos e sociológicos envolvidos nestes temas. As diferentes contribuições teóricas abordadas aqui possibilitam uma melhor compreensão dos complexos processos implícitos na cognição, assim como expõem a importância das interações sociais neste processo. © Cien. Cogn. 2008; Vol. 13 (3): 318-324.

Palavras-chave: esquema corporal; imagem corporal; corpo; interações sociais.

Abstract

This review aims to present theoretical and conceptual questions on the following topics: body scheme, visual image and representation of the self body. It will examine physiological, psychological and sociological processes involved in these issues. Different theoretical contributions discussed here enable a better understanding of the complex processes involved in cognition, and also expose the importance of social interactions in this process. © Cien. Cogn. 2008; Vol. 13 (3): 318-324.

Keywords: human body schemes; body image; body; social interactions.

Um elemento indispensável na formação da personalidade da criança é a representação que possui de seu próprio corpo. Múltiplas questões teóricas estão implícitas no debate sobre esquema corporal, imagem corporal e representação do próprio corpo. Há pontos de vista divergentes, que incluem no debate sobre o assunto elementos e processos também diferentes. Head e Holmes (1978) referem-se ao esquema corporal como a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos. Schilder (1980) refere-se à imagem do corpo como uma figuração mental, que insere o modo como o corpo se apresenta para cada um. Inclui a percepção, mas é mais do que isto. Ou seja, é um esquema plástico. Por meio de constantes alterações de posição ocorre a construção do modelo postural, que se modifica constantemente. Ao estudar a imagem corporal deve-se abordar questões psicológicas centrais que envolvem as impressões dos sentidos, dos movimentos e a motilidade em geral. Quando se constrói a

percepção do corpo, não se age meramente como um aparelho perceptivo. Schilder (1980) descreve a existência de uma personalidade que experimenta a percepção. Trata-se de um tema relevante para quem se dedica ao estudo da cognição humana. Envolve uma trama conceitual que integra cérebro, movimento, sensação, percepção, visão dentre outros órgãos e processos, e seu papel na estruturação tanto da imagem corporal, quanto da representação do próprio corpo. O debate é importante para a compreensão de terminologias que, muitas vezes são empregadas de modo equivocado pelos profissionais e pesquisadores de diferentes áreas, tanto da saúde, quanto da educação, nos âmbitos do ensino e da aprendizagem. Estudos sobre a visão, sobre a imagem corporal são particularmente importantes também na área de ensino de Artes Visuais.

Referindo-se aos estudos sobre a imagem do corpo Sherrington (1956) insere contribuições. Esclarece que a cinestesia cobre duas sensibilidades: uma que foi denominada pelo próprio Sherrington como interoceptiva, e outra que foi chamada de propioceptiva, ou postural, cuja sede periférica está nas articulações e nos músculos. São estimuladas pelas atitudes e movimentos, cuja função reside em regular, com o controle do labirinto, o equilíbrio e as sinergias necessárias aos deslocamentos corporais, parciais ou totais. As sensações correspondentes são chamadas de sensações cinestésicas.

Os autores que estudam o esquema corporal referem que o mesmo exprime-se em imagens. Pick (1973) denominou de sistema o quadro visual do corpo e o que a superfície cutânea permite conhecer através de suas qualidades sensíveis. Trata-se de uma combinação de imagens, onde as sensações cutâneas, mais ou menos reveladoras da vida orgânica poderiam unir-se a aspectos visuais susceptíveis de representá-lo. O corpo está, então, vinculado ao espaço.

Head e Holmes (1973) e Schilder (1980), de modo contrário, eliminam do esquema corporal todo o elemento ótico. Para Head e Holmes (1973) o esquema corporal consiste em uma intuição de conjunto, respondendo à situação presente do corpo, e que toda a mudança de atitude faz variar. Cada nova impressão é percebida através deste conjunto, e cada impressão elementar funde-se neste universo somático, modificando-o. O esquema corporal corresponde à totalização e à unificação constante das sensibilidades orgânicas e, particularmente, das impressões posturais.

Para Schilder (1980), o esquema corporal está voltado para a atividade motora, e somente se revela pelo movimento, e no movimento, ou então, a serviço dele. Desperta resíduos cinestésicos susceptíveis de guiar o gesto sem a intervenção de qualquer elemento ótico. O espaço do corpo, ou espaço propioceptivo, é diferente do espaço exterior. Não é homogêneo, comporta uma direita e uma esquerda, de onde os gestos recebem uma orientação de certo modo subjetiva. Entretanto, um ato ou uma ação só pode realizar-se quando uma adaptação ao espaço ótico e uma adaptação à natureza dos objetos se unem ao gesto. O esquema corporal não é mais do que uma condição elementar do ato. Limita-se às experiências cinestésicas e às estruturas posturais.

Entre as atitudes possíveis de cada ser humano existem as privilegiadas, às quais as outras são reconduzidas, quer por assimilação, quer por oposição. Seu conjunto constitui o esquema corporal que, poderíamos dizer pode desempenhar o papel de norma em relação às atividades motoras. Segundo Goldstein (1923), deste modo, o esquema corporal não se restringe às imagens que o compõem, mas transforma-se em uma relação entre o espaço gestual e o espaço dos objetos, o da acomodação motora ao mundo externo.

Gardner (2001) refere que existe reciprocidade entre as questões biológicas e a cultura, e esta dinâmica é contínua ao longo do desenvolvimento humano. Desde o nascimento, a criança entra em um mundo, que é rico em interpretações e significados. Estes contatos são essencialmente corporais. Existe uma troca contínua com outros seres humanos, através de

sensações e satisfações físicas, tais como calor, alimento, dentre outras; e psicológicas, como amor, humor, surpresa, prazer, dor. Diante destas interações a imagem do próprio corpo sofre alterações. Além da acomodação motora referida por Goldstein (1923) existe reciprocidade: o prazer altera a imagem que cada um possui de si, e o mesmo ocorre diante da dor. Inclui aspectos sensoriais, perceptivos, motores, neurológicos, afetivos e psicossociais.

Arieti (2001) retoma a importância dos gestos assinalada por Goldstein (1923), mas acrescenta que estes respondem às interações com o meio, e constituem-se em importantes elementos formadores da imagem corporal.

As estruturas psicomotoras podem diferenciar-se de um indivíduo para outro, de acordo com seus hábitos e experiências pessoais. Os sistemas sensoriais de referência estruturam-se com base nessas diferenças. Alguns estudiosos do desenvolvimento humano, como Wallon (1973), Piaget (1976), Luria (1980), Vygotsky (1987) e Gardner (2001) que incluem em seus estudos questões relacionadas com a cognição e a psiconeurologia acreditam que é possível aprender o movimento que deve ser efetuado pelos olhos. A prática demonstra que isso não é sempre real. O efeito das excitações sensoriais, incluindo as visuais, é primeiramente um efeito muscular, que pode tornar-se complexo com os progressos do organismo e do comportamento. Ao longo do desenvolvimento, esse processo evolui para a representação. Para o próprio corpo, a sua representação visual é cada vez mais uma representação mediada. Se a visão é efetivamente o que põe uma ordem no mundo das coisas deve-se concordar que o esquema corporal apresenta uma série de lacunas nesta direção. São visíveis os movimentos das mãos e dos pés. Os olhos não vêem os olhos, nem o rosto, nem o pescoço, nem o tronco em seu conjunto. Não podem ser percebidos senão diante do espelho, frente a frente, exteriores ao espaço subjetivo, e terminam por reconhecer o próprio corpo no corpo escópico que o espelho reflete.

No que se refere à imitação, pode-se referir que, da indiferenciação primitiva existe uma passagem para a pluralidade das pessoas, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes. O apráxico, por exemplo, segundo Ajuriaguerra (1974) não distingue nos outros as partes das quais perdeu o conhecimento em seu próprio corpo.

Nas combinações entre espaço cinestésico ou espaço subjetivo, e espaço ótico, ou mundo exterior, a visão é um órgão redutor poderoso das desproporções e dos deslocamentos entre órgãos que parecem produzir-se, por vezes, quando as sensibilidades somáticas são entregues a si próprias, o que pode ser testemunhado por alguns sonhos, ou delírios. Mesmo em uma pessoa em estado de vigília, a influência cinestésica não pode ser negligenciada. Os espaços correspondentes ao lado direito e ao lado esquerdo do corpo não são homogêneos, e é isso que concede ao eixo mediano do corpo uma importância que se faz sentir não só na execução dos movimentos bilaterais, quer, similares, quer combinados, mas ainda no domínio dos nossos hábitos proprioceptivos. Zazzo (1948) refere que, nas fotografias de perfil, a orientação do rosto para a esquerda é mais freqüente. A figura desenhada respeita a orientação de nosso espaço subjetivo. Desse modo, entra em nosso campo perceptivo, vem até nós. Para Vygotsky (2003), a produção de imagens, particularmente o desenho do corpo está relacionado com o que cada ser humano conhece. Ou seja, não se desenha o que se vê, mas o que se conhece. Para o autor o conhecimento é um processo de construção pessoal, que se dá em interação social, e do qual participam as funções mentais superiores tipicamente humanas: inteligência abstrata, imaginação, representações mentais, principalmente.

Pode ocorrer a presença de conflitos entre a ordem ótica das coisas e as nossas incorporações subjetivas. Tal fato ocorre, por exemplo, quando atribuímos a nós mesmos certos ritmos que nos chegam de fora, quando nos fazemos causa de efeitos independentes de nós, o que é particularmente comum em crianças pequenas. São percepções momentâneas. Em nossa civilização, a ordem visual antecipou-se a todas as outras. Mas, em outras

circunstâncias e contextos, diante de outras formas de relação, o espaço ótico pode passar por novas definições. A sensibilidade proprioceptiva pode dar à imagem do nosso corpo outros aspectos, ou mesmo outra topografia, que não é a do testemunho dos nossos olhos. Estudos sobre o corpo, sobre o esquema corporal, sobre a imagem corporal são particularmente importantes a quem trabalha com cognição, com ensino e aprendizagem. Em tempos de educação inclusiva, onde se espera do professor uma compreensão mais ampla da criança, da diversidade e das diferenças, bem como dos complexos processos que integram a cognição humana, tais estudos merecem destaque.

Ajuriaguerra (1974) referindo-se à importância dos estudos sobre o corpo, escreve que é com o corpo que a criança elabora suas experiências vitais e organiza sua personalidade. Para o autor e para Schilder (1980) a noção de esquema corporal é considerada como uma noção de âmbito fisiológico, que pode ser entendida como a imagem mental do corpo registrada em nível cerebral, em função da integração das percepções e da elaboração das respectivas praxias. Os autores assinalam que esta noção é questionada em função do termo esquema, pelo fato do mesmo não traduzir a plasticidade que este conceito contém.

Schilder (1980) refere ainda que o termo “imagem do corpo” expressa uma relação permanente na história motora do indivíduo. Estrutura-se e se reestrutura continuamente através da inter-relação de três esferas do comportamento humano: a esfera fisiológica, a esfera libidinal e a esfera sociológica. Na esfera fisiológica o autor corrobora os pressupostos teóricos de Wallon (1973), ao considerar as relações entre a psicotonia e a visuo-cinesiologia, referindo-se aos alicerces da atitude, ao lembrar a posição bípede. Lembra ainda o papel da dor e a história corporal do indivíduo, ou seja, a sua experiência anterior. Na esfera libidinal, Schilder (1980) retoma as concepções de Freud sobre a personalidade, integrando as interferências sensoriais, erógenas e libidinais em uma síntese das relações entre o corpo e o mundo. Para ele, o corpo incorpora o mundo. Na esfera sociológica, Schilder enfatiza as interações sociais, referindo que o corpo surge como o instrumento de relação com o outro.

Schilder (1980) apresenta uma visão interdisciplinar da imagem do corpo, uma vez que a mesma tem origem na imagem do corpo dos outros. Wallon (1973) refere o diálogo entre a mãe e o bebê na fonte da imagem do corpo e Piaget (1976) relaciona a imitação inteligente da criança. Com base nas explicações de Schilder pode-se chegar à conclusão de que o corpo não é apenas um instrumento de construção e de ação, mas sim, o meio concreto de comunicação social.

Ajuriaguerra (1974) inclui em suas explicações sobre a imagem do corpo seus estudos neurofisiológicos. Nesta perspectiva, além de outras questões é importante referir a ilusão do membro fantasma. Mesmo sem um membro, o indivíduo continua a senti-lo não somente em seus movimentos, mas também nas relações com as outras partes do corpo, uma vez que o corpo está na sua aprendizagem, e é sua parte integrante. Ajuriaguerra ainda equaciona os problemas da perturbação do membro fantasma como síndromes assomatognósicas cuja localização cerebral situa-se ao nível do lóbulo parietal. Estas questões são importantes particularmente para a compreensão de muitas das necessidades educativas especiais das crianças, tais como a dislexia, a dispraxia, a agnosia, a afasia, dentre outras.

As cinestésias são percepções genuínas, não simplesmente associações de memória visual de um discurso metafórico. Ramachandran (2001) realizou investigações sobre membro fantasma. Quando ocorre a amputação de um membro, em muitos casos o indivíduo segue sentindo o membro fantasma, não somente sua presença, mas as sensações de frio, calor, dor entre outras. Às vezes, é a percepção de um membro deformado, retorcido, curto, ou que, inclusive pode alargar-se. O autor toma como base a imagem do esquema corporal resgatando o homúnculo de Penfield (1930), pitoresca representação artística de correspondência entre partes da superfície do corpo e superfície do cérebro. Os traços

grotescamente deformados incluem certas partes do corpo, como lábios e língua, que são representados mais do que outros.

A temática da imagem do corpo inclui referências importantes à imagem visual e à visão. Através da visão são fornecidos dados essenciais para o gesto, tais como: posição, características dos objetos, localização exata do corpo, dentre outras que, vindo do exterior são conduzidos ao cérebro e constituem o que se denomina de opticograma. Entretanto é necessário que o cérebro possa dispor dos dados que vem de dentro: os proprioceptivos e posturais, que são regulados pelo cerebelo e pelos centros talâmicos. Assim, por exemplo, uma criança com problemas no equilíbrio poderá apresentar dificuldades nas aprendizagens escolares, nas quais a sinergia ótico-corporal é necessária para ler e escrever.

A imagem visual, onde parece integrar-se o esquema corporal muitas vezes necessita ser retificada. Pode-se citar o exemplo da voz gravada, apontado por Wallon (1973): quando a ouvimos pela primeira vez, surpreendemo-nos e, muitas vezes, não nos reconhecemos nela. Apesar do uso freqüente do espelho e das numerosas fotografias que registram nossa existência, ficamos surpreendidos com a imagem que ali encontramos de nós mesmos. A idade acrescenta sinais novos, nos quais ainda não tínhamos reparado. E, se o ângulo segundo o qual a fotografia foi tirada não é aquele segundo o qual nos vemos habitualmente, pode ocorrer um momento de hesitação em nos identificarmos com ela. Existe uma constante necessidade de adaptação ao nosso próprio aspecto visual. Esta necessidade de readaptação aciona a capacidade criativa do ser humano. Na criança, a quem o crescimento faz mudar rapidamente a fisionomia, esta estranheza deve ser ainda maior. Nesta direção há necessidade de resolver algumas dificuldades: no dia em que a criança for capaz de estabelecer uma relação entre a imagem e a pessoa, é porque a semelhança dos traços, à qual podem juntar-se as variações concomitantes do modelo e do seu reflexo no espelho, ultrapassou o seu desdobramento no espaço. Quando se trata de uma pessoa estranha, a redução do desdobramento espacial é relativamente fácil, e até mesmo precoce. Ela e sua imagem pertencem ao mesmo espaço ótico. Efetivamente, a criança necessita distinguir entre o ser real e o seu retrato. Os gestos ou a voz como qualidades exteroceptivas podem facilitar o reconhecimento do modelo e de sua réplica. Zazzo (1948) descreveu as fases deste processo de diferenciação. É importante considerar que a principal dificuldade não é aproximar o que é semelhante, mas considerar a heteromia existente entre os dois espaços: o espaço ótico da imagem e o espaço de sua presença corporal. A presença de uma pessoa estranha permanece como uma presença testemunhada por atributos exteroceptivos. A sua, não obstante atributos eventuais que podem pertencer ao mundo das coisas, tais como o vestuário, os adornos, é essencialmente um sentimento de existência, vinculado à sensibilidade e às reações proprioceptivas.

Ainda que exista ligação entre as impressões cinestésicas e visuais, tal como exige a adaptação de nossos gestos e ações aos objetos do mundo externo, a dissociação continua a existir; a união somente é possível mediante a experiência. Não existe uma estrutura pré-determinada ou privilegiada, que lhes seja comum. Os pontos de coincidência são aqueles que comandam os nossos encontros com a realidade exterior.

Reportando-nos aos escritos de Ajuriaguerra (1974) é possível referir que, para poder criar o ser humano terá que associar e relacionar o que vê com o que sente. Isto é importante para o pintor que pinta, para a criança que desenha, para o escultor, ao fazer escultura. Qualquer trabalho, considerando estas explicações resume-se na íntima ligação que pode ser obtida entre a visão e o sentido tátil-cinestésico. Sherrinton (1956), assim como Luria (1980), refere que o cérebro não pensa em músculos, mas em movimentos. Ajuriaguerra diz que o cérebro pensa em associações sinérgicas ou de síntese entre informações visuais, táteis e

cinestésicas. Trata-se de contribuições de ordem fisiológica. Mas, há outra dimensão, que pode ser explicada através da concepção fenomenológica.

A concepção fenomenológica do corpo particulariza uma expressão inerente a um estar no mundo, que ultrapassa a dimensão funcional. Entretanto, esta se mantém como sendo essencial para uma concepção interdisciplinar e de síntese científica. O essencial da concepção fenomenológica consiste em demonstrar o significado da vivência e da convivência do corpo. O corpo como totalidade é como um registro da história de cada um. Trata-se da imagem da história que somos e que é um determinante decisivo em toda a evolução da criança para adulto. O adulto guarda as recordações de seu tempo de criança, mas as recordações são essencialmente sensoriais e visuais. Em suma, trata-se da reconstrução do tempo da sua imagem corporal. Na concepção fenomenológica do corpo lembra-se Merleau-Ponty (1999) que apresenta a fenomenologia do corpo como o tronco e o alicerce da personalidade. O corpo habita o espaço, é uma história dentro de outra história. É a percepção do aqui e agora, mas é também auto-conhecimento e descoberta do mundo, como se o corpo fosse um álbum existencial.

Estudando o desenvolvimento humano pode-se compreender que a unidade corporal representa a totalidade de nossa presença no mundo, em que o espaço do corpo se apresenta como a fronteira entre a pessoa e o mundo exterior. Mauss (1972) em sua abordagem sociológica sobre a imagem do corpo explica que a hominização do homem é a hominização do seu corpo, o que está implícito na visão fenomenológica do corpo.

A partir do conhecimento verbal e da história de uma pessoa o corpo atuante pode instituir-se como um corpo transformador e, assim transformar-se no verdadeiro instrumento criador e de apoio à consciência.

Não se esgota o tema referente ao esquema corporal e à imagem visual do corpo neste texto, mas o mesmo apresenta uma integração de diferentes autores. Alguns autores consultados são clássicos estudiosos do tema. Este, longe de ser um assunto técnico, trata-se de um tema humano, pois é da imagem do corpo que estamos falando, e o assunto integra a sensação, a percepção, a simbolização, até chegar aos conceitos. Logo, perceber o mundo é apreender e aprender o mundo com o corpo, é perceber o corpo. Isto implica na integração de modelos sociais. A descoberta do corpo e a formação da imagem do corpo passam por situações sociais. É na interação com outras pessoas do entorno social que os modelos são internalizados, isto é, nas vivências e experiências, que são intransferíveis e subjetivas. Deste modo se processam as formas de solicitação de vias de conclusão neuromotora, melhorando a dissociação dos movimentos e dos gestos, através dos quais cada ser humano responde à adaptação que o meio externo solicita e/ou sugere.

Referências bibliográficas

- Ajuriaguera, J. (1974). *Manuel de Psychiatrie chez l'enfant*. Paris: Ed. Masson e Cie, 857.
- Arieti, S. (2001) *La Creatividad :La Síntesis Mágica*. (pp. 30-37). México: Fondo de Cultura Ed.
- Gardner, H.(2001). *A Criança Pré-Escolar: Como Pensa e como pode a Escola Ensiná-la*. Porto Alegre:Artes Médicas, 258p.
- Goldstein, K. (1923). *Das Kleinhirn: Bethes Handbuck der Normalen und Patologischen Physiologie*. (pp. 58-61). Leipzig: Klin.
- Head, H. e Holmes, G. (1973). *Lês Sensations et el Córtes Cerebral*. (pp. 102-141). Paris: Ed. Privat.
- Luria, A. (1980). *Higuer Cortical Functions in Man*. New York: Basic Books, 206p.
- Mauss, M. (1972). *Sociologie et Anthropologie*. (pp. 124-142). Paris: Ed. PUF.

- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. (pp. 45-63). São Paulo: Martins Fontes.
- Piaget, J. (1976). *Psicología de la Inteligencia*. (pp. 309-315). Barcelona: Ed. Critica..
- Pick A. (1973). *Troubles de L'Orientación du Corps Propre*. Paris: Ed. Privat, 257.
- Ramachandran, V. e Hubbard, G. (2001). Synaesthesia - A Widow in to Perception thought and Language. *J. Conscioness Studies*. 8 (13), 67-79.
- Scherrington, S. (1956). *Man and his Nature*. (pp. 118-125). Cambridge: University Press.
- Schilder, P. (1980). *A Imagem do Corpo. As Energias Construtivas da Psique*. São Paulo: Martins Fontes, 316.
- Vygotsky, L. (1987) *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 212.
- Vygotsky, L. (2003) *El Art y la Imaginación en la Infancia*. (pp. 102-114). Madrid: Akal.
- Wallon, H. (1973). *A Evolução Psicológica da Criança*. Rio de Janeiro: Ed. Andes, 298.
- Zazzo, H. (1948). *L'École Maternelle à Leux ans: oui ou non?* (pp. 235-258). Paris: Stock.

 - **N.K. Freitas** é Psicóloga e doutora em Psicologia. Atua como professora nos Cursos de Graduação e de Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes (UDESC). Endereço para correspondência: Rua Anita Garibaldi, 30/1001, Centro, Florianópolis, SC 88010-500, Brasil. E-mail para correspondência: neliklix@terra.com.br.